

Perfis docentes: prestígio e hierarquia no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (anos 1950-60)

Sonia de Castro Lopes*

Resumo:

O artigo pretende focalizar a identidade de professores que lecionaram no curso normal do ‘Instituto de Educação do Rio de Janeiro’ entre as décadas de 1950 e 1960, investigar seus processos de formação, as formas de acesso e hierarquização, bem como os percursos profissionais. Para além das semelhanças que os unem como profissionais identificados com a instituição onde trabalham e o apelo à ‘vocação’ como justificativa maior na escolha da carreira abraçada, foi possível perceber um processo de hierarquização nesse corpo docente que se relacionava: a) às ‘disciplinas ministradas’; b) às ‘instâncias por onde esses professores circulavam’; c) à grande repercussão obtida pela ‘circulação dos livros didáticos’ por eles produzidos.

Palavras-chave:

Instituto de Educação do Rio de Janeiro; formação de professores; identidade; trajetórias profissionais; docentes do curso normal.

* Doutora em Educação Brasileira (PUC-Rio) com estágio pós-doutoral em História da Educação pela Universidade de Lisboa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora e atual coordenadora do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes/UFRJ).

Teacher profiles: prestige and hierarchy at the Rio de Janeiro Education Institute (1950s-60s)

Sonia de Castro Lopes

Abstract:

This article discusses the teacher profile with the Teacher Qualification Programme delivered by the 'Rio de Janeiro Education Institute' in the 1950s and 60s with an emphasis on investigating teacher qualification processes, access to the Teacher Qualification Programme, as well as the Programme's hierarchy issues and teaching careers. In addition to some specific features shared with other staff of the 'Institute' and the appeal to their 'teaching vocation' as the major reason for embracing the teaching career, a hierarchy was also directly observed, related to: a) 'the school subjects taught'; b) 'the teaching district and level of authority the referred district was granted'; c) the 'circulation of the teaching materials' designed by these specific members of the school staff.

Keywords:

Instituto de Educação do Rio de Janeiro; teacher qualification; teacher profile; career advancement; Teacher Qualification Programme staff.

Perfiles docentes: prestigio y jerarquía en el Instituto de Educación de Rio de Janeiro (años 1950-60)

Sonia de Castro Lopes

Resumen:

El artículo pretende enfocar la identidad de profesores que enseñaron en el curso normal del Instituto de Educação do Rio de Janeiro, entre las décadas de 1950 y 1960, investigar sus procesos de formación, las formas de acceso y jerarquización, así como los recorridos profesionales. Para más allá de las semejanzas que los unen como profesionales identificados con la institución donde trabajan y el llamamiento a la vocación como justificativa mayor en la elección de la carrera abrazada, fue posible percibir un proceso de jerarquización en este cuerpo docente que se relacionaba: a) a las asignaturas ministradas; b) a las instancias por donde estos profesores circulaban; c) a la gran repercusión obtenida por la circulación de los libros didácticos por ellos producidos.

Palabras clave:

Instituto de Educação de Rio de Janeiro; formación de profesores; identidad; trayectorias profesionales; docentes del curso normal.

Apresentação

Estudos sobre a formação/profissão docente se avolumam na historiografia da educação brasileira. Entretanto, a grande maioria tende a privilegiar o magistério primário, evidenciando uma lacuna significativa em relação à formação, trajetórias e identidade profissional dos professores secundários – compreendendo aí não apenas os que se dedicam à escola secundária propedêutica, mas também à modalidade técnico-profissional¹.

Este artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa que se debruça sobre a identidade de professores que lecionaram no curso normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro entre 1930 e 1960, procurando investigar seus processos de formação, as formas de acesso e as trajetórias profissionais².

¹ Com o propósito de corroborar o que vem sendo constatado no âmbito dos encontros acadêmicos, procedeu-se a um levantamento sobre as comunicações apresentadas em três dos congressos mais importantes no campo da História da Educação: o Luso-Brasileiro de 2008 (VII COLUBHE) (CONGRESSO..., 2008b), o Ibero-americano de 2007 (VIII CIHELA) (CONGRESSO..., 2007) e o Brasileiro de 2008 (CONGRESSO..., 2008a), tomando como referência eixos temáticos que aludem diretamente à questão. O resultado dessa investigação preliminar, de fato, correspondeu às expectativas iniciais. No primeiro caso (COLHUBE), levando em conta o eixo ‘Formação, identidades e profissão docentes’, de um total de 98 trabalhos aprovados, entre mesas coordenadas e comunicações individuais, apenas 17 (17,3%) contemplavam pesquisas sobre professores secundários. Destes, apenas sete se relacionavam ao modelo da escola secundária propedêutica, dois ao ensino técnico/profissional, dois ao ensino normal, enquanto seis elegeram como objeto de seus estudos professores de disciplinas específicas – Ciências, História, Matemática, Geografia e Educação Física (CONGRESSO..., 2008b). A hipótese confirmou-se também em relação ao CIHELA e ao CBHE. No primeiro, de um total de 51 trabalhos que compuseram a Mesa Temática ‘História da formação docente’, apenas cinco (9,8%) se referem diretamente aos professores secundários, sendo dois na modalidade profissional, incluindo aí o curso normal (CONGRESSO..., 2007). No caso do CBHE, o eixo ‘História da profissão docente e das instituições escolares formadoras’ possibilitou o cruzamento de diversas dimensões da atividade docente, dentre as quais os modelos de formação, os itinerários profissionais e a história das instituições formadoras. Tal característica justificativa a grande quantidade de trabalhos aprovados – um total de 127, dos quais doze (9,45%) referem-se ao ensino secundário e, destes, dois remetem ao ensino profissional (CONGRESSO..., 2008a).

² Refiro-me à pesquisa intitulada *Docentes do curso normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro: percursos de formação e trajetórias profissionais (1930-1960)*, que, por sua vez, articula-se ao projeto interinstitucional ‘A construção da identidade do professor do ensino secundário, normal e profissional: uma

O recorte temporal aqui considerado circunscreve-se às décadas de 1950-60, período no qual a identidade dos professores ainda se encontrava fortemente vinculada a um ‘programa institucional’ que ensejava promover a socialização desses docentes, ao estabelecer normas, comportamentos e ações a serem seguidas (DUBET, 2006). O declínio de instituições como a escola provocará, segundo a visão desse autor, a ruptura entre os atores e o sistema a partir dos anos 1970, fragilizando essa sensação de pertencimento tão presente nas gerações mais antigas.

Ao longo da pesquisa, foi possível mapear três categorias distintas de professores que atuaram na instituição à época referida:

a) os ‘notáveis’ ou ‘inesquecíveis’ – portadores de maior capital social e/ou cultural, em virtude de sua consagração na rede pública secundária e da formação universitária em cursos de filosofia, ciências e letras. Ademais, seu prestígio muito se deveu ao acesso por concurso (em geral, eram catedráticos), à publicação de livros didáticos de grande repercussão nacional e à inserção em meios acadêmicos e/ou político-administrativos. Os docentes que compunham essa categoria ministravam disciplinas de formação geral;

b) a ‘prata da casa’ – professores cuja formação inicial ocorreu no próprio Instituto de Educação durante a década de 1930 e, após qualificação obtida em universidades, ingressaram como professores do curso normal na década de 1940, desenvolvendo atividades na instituição até o final dos anos 1960. Muitos se tornaram catedráticos de disciplinas pedagógicas, didáticas ou prática de ensino e divulgaram seus conhecimentos por meio da publicação de livros que circulavam no âmbito das escolas normais locais e/ou nacionais;

c) professoras-assistentes cuja única formação, na maioria das vezes, ocorreu no âmbito de escolas normais, em nível secundário. O ingresso no curso normal do Instituto deu-se por meio de convite dos catedráticos, devido à atuação destacada na rede primária pública. Eram, em sua maioria, oriundas da própria escola primária do Instituto e, na maioria das vezes, os critérios de seleção baseavam-se na ‘experiência’ (THOMPSON, 1981) e na prática, demonstradas no cotidiano da sala de aula. Essas docentes dedicavam-se exclusivamente ao ensino das didáticas e/ou prática de ensino.

Como se trata de uma pesquisa em desenvolvimento, poderão emergir casos singulares que relativizem a categorização aqui proposta;

abordagem comparativa’, que congrega pesquisadores vinculados a instituições do Estado do Rio de Janeiro.

entretanto, a partir do esforço de reconstruir percursos de formação e itinerários profissionais de alguns docentes, foi possível perceber uma hierarquização que conferia maior prestígio a alguns, em detrimento de outros.

Para pensar a profissão docente a partir de uma visão integrada das várias dimensões que assume o exercício profissional do magistério, a referência central deste estudo baseia-se nas reflexões do sociólogo François Dubet a respeito das profissões que se dedicam ao ‘trabalho sobre o outro’, em que se percebe uma participação ativa no processo de socialização dos indivíduos. São também relevantes as contribuições de Dubar (2005) sobre identidade social, ou seja, a identidade que se constrói na relação entre a dimensão individual e a dimensão social, para pensarmos as marcas identitárias desses profissionais.

As fontes documentais foram selecionadas no acervo do Centro de Memória Institucional do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (CEMI/ISERJ) – fichas funcionais, obras e livros didáticos produzidos pelos professores e alguns números do periódico *Arquivos do Instituto de Educação* – e no Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROEDES/UFRJ) – relação de alunos da Universidade do Distrito Federal (UDF) e da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFfi/UB).

Além da utilização desses documentos, foram produzidas entrevistas com ex-alunos e professores da instituição no período referido. Cabe ressaltar que a análise crítica desse corpus documental foi realizada à luz da perspectiva fornecida por Minayo (1994), que chama a atenção para os cuidados a serem observados para a preservação e interpretação dos registros da experiência humana. A metodologia da história oral aqui utilizada foi entendida como uma abordagem que “[...] enfatiza fenômenos e eventos que permitem, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas aos processos histórico-sociais” (LOZANO, 1996, p. 16).

O recurso à abordagem biográfica tornou-se necessário, a fim de reconstituir percursos de formação e trajetórias acadêmicas e/ou profissionais dos docentes aqui retratados. A modalidade de biografia adotada neste estudo é aquela entendida por Levi (1996, p. 174) como ‘biografia modal’ ou ‘prosopografia’, pois, embora se apresentem como biografias individuais, “[...] ilustram comportamentos ligados às condições sociais estatisticamente mais frequentes [...]”; ou seja, uma biografia que não é a de uma pessoa singular e, sim, de um indivíduo que concentra diversas características de determinado grupo.

Escolhemos, portanto, como elementos representativos de cada grupo, professores cujas características podem se estender a toda uma categoria, embora não se desconsiderem as particularidades, ‘o pequeno x’, como nos lembra Loriga (2011), que cumpre a função de relativizar a coerência e linearidade das trajetórias descritas³.

Os ‘inesquecíveis’

Assim denominados por ex-alunas entrevistadas pela pesquisadora, a categoria dos ‘notáveis’ ou ‘inesquecíveis’ relaciona-se aos professores catedráticos mais reconhecidos pelos colegas e pelo alunado que se dedicavam a lecionar disciplinas de formação geral⁴. Tal fato explica-se em parte pela titulação obtida em universidades de prestígio e em campos do conhecimento socialmente valorizados. Outras razões, porém, somam-se a essa premissa, como, por exemplo, o fato de esses docentes desfrutarem de contatos sociais que lhes conferiam condições mais favoráveis para transitar em círculos acadêmicos e/ou profissionais extremamente valorizados, como veremos adiante. Além disso, apresentavam-se como autores de livros didáticos de repercussão nacional, publicados por editoras de grande alcance e frequentemente adotados por escolas secundárias de prestígio.

A título de exemplo, analisaremos o percurso de formação e a trajetória profissional do professor Evanildo Bechara, catedrático de Português e Literatura da escola secundária e do curso normal.

Evanildo Cavalcante Bechara nasceu em Recife, capital do estado de Pernambuco, em 1928 e, aos doze anos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar seus estudos na casa de um tio.

Em depoimento prestado a esta pesquisa, enfatizou que “[...] desde muito cedo se sentiu atraído pelo magistério [...]” (BECHARA, 2011)⁵,

³ A expressão ‘o pequeno x’ é atribuída a Johann Gustav Droysen que, em 1863, escreve: “Se chamamos *A* o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz, então este *A* é formado por $a + x$, em que *a* contém tudo o que lhe vem das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época, etc., e em que *x* representa sua contribuição pessoal, a obra de sua livre vontade” (DROYSEN, 1863, p. 13-14 apud LORIGA, 2011, p. 14).

⁴ Em depoimentos prestados ao Projeto Memória (Promemo/ISERJ) ao qual esta pesquisa teve acesso, algumas ex-alunas, estudantes nas décadas de 1950-60, manifestaram orgulho de terem sido alunas de professores catedráticos, sendo os mais citados: Evanildo Bechara (Português e Literatura), Dirce Riedel (Português e Literatura) e Vicente Tapajós (História).

⁵ Evanildo Bechara – Entrevista concedida à pesquisa em 16 de novembro de 2011.

mas pensava em ser professor de matemática. Entretanto, ainda jovem, conheceu o professor Manuel Said Ali (eminente estudioso da língua portuguesa) e essa experiência permitiu-lhe trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos. Ingressou no curso de Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La-Fayette⁶ e, após concluir os estudos superiores, participou de diversos concursos públicos.

Naquela época praticamente não havia concursos. Então, nós trabalhávamos somente em escolas particulares. A partir de 1954 abriram-se vários concursos; houve concurso para a Prefeitura do Distrito Federal⁷ e também para a Escola Técnica Nacional⁸. Fui aprovado nos dois e passei a acumular dois cargos – um na esfera municipal e outra na esfera federal. [...] Como eu morava no Méier, pedi que me colocassem em uma escola próxima de casa, porque eu já trabalhava no Colégio Dois de Dezembro⁹ (BECHARA, 2011).

Entretanto, ainda segundo seu depoimento, ficou apenas uma semana nesta escola, pois por solicitação de Cândido Jucá Filho – à época elemento de prestígio junto à Secretaria de Educação, além de professor catedrático de português do Instituto de Educação e do Colégio Pedro II – foi transferido para o Instituto de Educação, passando a lecionar na escola secundária. Em 1961, obteve aprovação em concurso para catedrático do curso normal, tendo sido também aprovado no concurso para catedrático de língua portuguesa do Colégio Pedro II¹⁰.

Em 1965, durante a gestão do professor Flecha Ribeiro junto à Secretaria de Educação do Estado da Guanabara, Bechara recebeu convite para compor o Conselho Estadual de Educação. Cedido a este órgão, lá permaneceu até 1974 quando retornou ao Instituto para ocupar o cargo de

⁶ Tratava-se de uma faculdade privada de muito prestígio no Rio de Janeiro. Durante a década de 1950, uniu-se a outras faculdades e deu origem à Universidade do Distrito Federal que, a partir de 1960, passou a denominar-se Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atualmente Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

⁷ Até o ano de 1960, a cidade do Rio de Janeiro detinha o posto de capital do país, denominando-se Distrito Federal.

⁸ Atualmente, Centro Federal Tecnológico Celso Suco da Fonseca (CEFET-Rio).

⁹ Colégio Dois de Dezembro – escola privada localizada no Méier, bairro da zona norte carioca.

¹⁰ Na ficha funcional de Evanildo Bechara, encontramos referência ao Boletim Oficial do Estado da Guanabara (BOE, n. 36), datado de 25/5/1964, que autorizava a acumulação dos cargos de professor catedrático da escola secundária do Colégio Pedro II e do curso normal do Instituto de Educação. Arquivo do Centro de Memória Institucional do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (CEMI-ISERJ).

diretor-geral, função na qual se manteve apenas um ano¹¹, vindo a se aposentar em 1982.

Paralelamente às atividades no Instituto de Educação e no Colégio Pedro II, exerceu a docência na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara (UEG) a convite do professor Antenor Nascentes. Naquela universidade, obteria o título de Doutor em Letras (1964), chegando à cátedra de Filologia Românica, disciplina que lecionou até 1992, quando se aposentou. Lecionou ainda no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF) entre 1976 e 1994, sendo também professor visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) na década de 1970 e na Universidade de Coimbra (Portugal) nos anos de 1980.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas e do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, foi ainda sócio da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Atualmente, é membro da Academia Brasileira de Letras.

Evanildo Bechara produziu vasta obra, composta por dezenas de manuais, compêndios, antologias, ensaios e dicionários. Seu trabalho de maior repercussão foi a *Moderna Gramática Portuguesa* com mais de quarenta edições, publicação de grande sucesso editorial, como ele mesmo relata:

Minha gramática foi publicada pela primeira vez em 1961. Pois bem: na década de 70, o diretor da Editora Nacional me declarou que a editora já tinha vendido mais de dois milhões de exemplares do livro em todo o país. [...] Porque a Editora Nacional tinha representação em todos os estados brasileiros, era uma editora com excelente poder de distribuição, embora os autores ganhassem pouco. Agora, havia professores, autores de livros que faziam entre os alunos uma forte propaganda, induzindo-os a comprarem suas obras (BECHARA, 2011).

Sem dúvida, o fato de lecionar uma disciplina de prestígio, somada ao reconhecimento obtido pela circulação nacional de suas obras, conferiu a esse professor um lugar privilegiado na hierarquia dos docentes do Instituto de Educação, ao lado de colegas como Leodegário de Azevedo Filho, Clovis Monteiro, Petronio Motta e Dirce Riedel, para

¹¹ Conforme ficha funcional, o referido professor foi nomeado em cargo comissionado para a direção geral do Instituto de Educação em 26/03/1974 na vaga decorrente da exoneração do professor Nilson de Oliveira. Manteve-se no cargo até 09/04/1975 quando foi exonerado a pedido. Arquivo CEMI-ISERJ.

mencionar apenas os catedráticos de Língua Portuguesa e Literatura que atuaram na instituição durante as décadas de 1950-60.

A ‘prata da casa’

Fazem parte desse grupo os professores que iniciaram a carreira como normalistas no Instituto de Educação na década de 1930 e, após se qualificarem em cursos superiores, retornaram à instituição como docentes, alcançando o cargo de catedráticos das disciplinas pedagógicas. Exemplo típico dessa categoria, a professora Iva Waisberg Bonow (1913-1996) diplomou-se pela Escola de Professores¹² no ano de 1934, tendo sido aluna de Anísio Teixeira e Lourenço Filho, mestres dos quais se declarava seguidora.

Lembrada pelas colegas como ‘aluna brilhante’¹³, ingressou na Universidade do Distrito Federal no ano seguinte e formou-se em Ciências Sociais pela Escola de Economia e Política daquela universidade¹⁴. Em fevereiro de 1938, colou grau com a única turma de professores secundários formada pela UDF, “[...] um título conquistado com muito esforço, após um curso universitário de três anos, sem férias nem folga e que valeram por mais de seis anos de uma escola superior tradicional” (BONOW, 2001, p. 260)¹⁵.

Em 1942, Iva solicitou inscrição em disciplina isolada na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e prestou prova de Didática Geral e Especial, habilitando-se a lecionar no ensino secundário¹⁶. Inicia, então, sua trajetória como professora do curso normal, onde lecionou Psicologia Educacional entre 1943 e 1966.

¹² A Escola de Professores consistiu em curso superior de dois anos que se seguia à escola secundária nos moldes da reforma realizada por Anísio Teixeira ao criar o Instituto de Educação (1932). Com o estabelecimento da Universidade do Distrito Federal em 1935, passou a denominar-se Escola de Educação. Ver a respeito, Lopes (2006a).

¹³ Conforme entrevista de Alda Gomes da Silva, companheira de turma de Iva Waisberg ao Projeto Memória ISERJ em 10/10/2001.

¹⁴ A informação foi obtida na consulta ao arquivo Universidade do Distrito Federal (UDF), que se encontra sob a guarda do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes-UFRJ). Série Corpo Discente.

¹⁵ Esse depoimento foi feito por Iva Waisberg Bonow à Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro por ocasião das comemorações do centenário de instalação da Escola Normal da Corte, criada em 1880 no Rio de Janeiro e da qual o Instituto de Educação é o sucessor. Publicado em Monarcha (2001).

¹⁶ Arquivo Faculdade Nacional de Filosofia. Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes-UFRJ). Série Corpo Discente – Curso de Pedagogia.

Em um de seus discursos, por ocasião da homenagem realizada no Instituto de Educação ao professor Fernando de Azevedo, fez uma alusão direta ao silêncio imposto em relação às experiências dos ‘Pioneiros’ naquela instituição durante o autoritário período do Estado Novo (1937-1945):

Estaríamos proibidos de sentir júbilo e não teríamos força para manifestá-lo se a doce, inebriante e quem sabe, curta liberdade, não tivesse revivido entre nós. Mas veio, e dure o que durar, sorvamo-la ansiosamente porque talvez venhamos a precisar de toda coragem para um novo silêncio. [...] Mas a quem devemos a estrutura moral e profissional que nos permitiu atravessar a longa noite da confusão unidos pelo mesmo vínculo profundo de uma formação espiritual? Devemo-la aos pioneiros da educação, a Anísio Teixeira, Sampaio Dória, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Almeida Júnior e à frente de todos, como um paladino, esteve o nosso homenageado de hoje, professor Fernando de Azevedo (BONOW, 1945, p. 94).

Nesse discurso, descreve-se como “[...] monumento vivo da história admirável e anônima de um grupo de jovens que aprendeu a viver pensando acima de tudo o bem coletivo, a objetividade, o espírito de autocrítica, o amor ao estudo e a análise dos problemas nacionais” (BONOW, 1945, p. 90), declarando-se representante de uma geração diretamente influenciada pelo *Movimento de Educação Nova*. Referindo-se à ‘década sombria’ que acabavam de viver, perturbada pelo ‘fascismo internacional e nacional’, lamenta a destruição da obra “[...] sinceramente democrática iniciada em 1927 no Distrito Federal com Fernando de Azevedo e continuada por Anísio Teixeira” (BONOW, 1945, p. 93). E conclui, assumindo o compromisso com a continuação da obra: “Nós nos espelhamos na alma dos nossos mestres e eles se perpetuarão através de cada um de nós” (BONOW, 1945, p. 94).

Respondendo pela cátedra de Psicologia, Iva supervisionou o projeto realizado pela professora Maria Violeta Villas Boas¹⁷ no final da década de 1940, que consistia em desenvolver um estudo analítico das crianças do Grupo Escolar do Instituto de Educação, com levantamento de dados de ordem pessoal; observação de seu comportamento em várias situações familiares, de estudo e lazer; entrevistas com o aluno, responsáveis e professores, tendo em vista familiarizar as professorandas com a criança

¹⁷ Maria Violeta Villas Boas foi colega de turma de Iva Waisberg, diplomando-se em 1934. Trabalhou no curso normal do Instituto de Educação e na Faculdade de Educação da UERJ, conforme depoimento de Marion Villas Boas Sá Rego ao Projeto Memória ISERJ em 31 de outubro de 2001.

em idade escolar. Em outra pesquisa, procurou traçar o perfil do alunado do curso normal através de um mergulho na situação familiar (nível socioeconômico e cultural), condições pessoais e escolares e os reflexos em seu desenvolvimento, relacionamento e aprendizagem.

Permanecendo no Instituto de Educação até o final dos anos 1960, Iva também coordenou vários cursos de especialização para supervisores e diretores de estabelecimentos de ensino médio, na tentativa de suprir a carência evidenciada no sistema escolar. Esses cursos tiveram caráter pioneiro e só bem mais tarde as Faculdades de Educação passaram a formar, especificamente, profissionais para exercer tais funções (VILLAS BOAS; SARAHYBA; LIMA, 1994).

Na condição de catedrática, colaborou na elaboração do projeto do Curso de Formação de Professores de Ensino Normal (CFPEN), curso superior implementado no Instituto de Educação em 1965 e extinto dez anos depois. Aliás, foi a primeira diretora desse curso, função que ocupou até 1968, quando se afastou em razão da aposentadoria.

Publicou livros sobre psicologia educacional que circularam em cursos de formação de professores em âmbito nacional: *Manual de trabalhos práticos de Psicologia educacional* (1966), *Psicologia educacional* (1960), *Elementos de Psicologia*, o de maior repercussão com 15 edições entre 1954 e 1975, e *Psicologia educacional e direitos humanos* (1972).

As assistentes: o valor da experiência

Nossa terceira categoria compõe-se de professores que iniciaram a carreira de docentes no Instituto de Educação, apresentando formação apenas no nível médio realizado em escolas normais. Em função da expansão das matrículas, verificada desde o início dos anos 1950, o contingente de alunas do curso normal quase quintuplicou no espaço de dez anos¹⁸. Ademais, a partir de 1950, o Instituto não era mais a única instituição pública destinada a formar professores na cidade, tendo em vista a criação da Escola Normal Carmela Dutra no bairro de Madureira, subúrbio do Rio. No início dos anos 1960, a demanda pelas escolas normais cresce ainda mais e surgem quatro novas instituições: Escola Normal Julia Kubitscheck, Escola Normal Sara Kubitscheck, Escola

¹⁸ No ano de 1948, formaram-se cerca de 200 novas professoras, distribuídas por seis turmas de terceiro ano normal. Em 1958, o número de turmas se amplia para 25, totalizando um grupo de aproximadamente 900 formandas. Ver a respeito Lopes (2006b).

Normal Heitor Lira e Escola Normal Inácio Azevedo Amaral. Em face dessa demanda, o Estado recorria a esses professores, que, mesmo sem possuir qualificação em cursos superiores, ingressaram no Instituto e nas demais escolas na condição de profissionais cedidos pela rede de ensino pública para ministrar as disciplinas de prática de ensino, bem como as diversas didáticas.

Que critérios pautavam essas escolhas? Quem autorizava as cessões? Como tais professoras foram agregadas ao corpo docente efetivo? Essas e outras questões foram parcialmente respondidas por meio de análise das fichas funcionais e entrevistas produzidas pela pesquisa. Escolhemos, como representante dessa categoria, a professora Cássia Martins Câmara, que lecionou Didática da Matemática no Instituto durante a década de 1960¹⁹.

Ao ingressar no Instituto de Educação em 1966, Cássia declarou possuir instrução média, obtida no curso normal da Escola Carmela Dutra no ano de 1951. Iniciou a carreira como professora primária na Prefeitura do Distrito Federal em março de 1952 e, na década seguinte, foi convidada a lecionar na Escola Normal Sarah Kubitscheck, situada em Campo Grande (zona oeste da cidade, à época denominada zona rural). Em seu depoimento, afirmou que, após dez anos de exercício efetivo como professora primária, foi convidada a lecionar no curso normal, uma vez que não havia professores concursados para todas as disciplinas. Portanto, desde a criação das diversas escolas normais públicas na cidade, essa estratégia vinha sendo utilizada pela Secretaria de Educação para contornar a ausência de professores com a titulação exigida para esse ramo de ensino. Transferida para o Instituto de Educação, lecionou Didática da Matemática durante muitos anos, até aposentar-se em 1983.

Indagada sobre os critérios da escolha, alegou ter sido sempre ‘excelente professora’ de ensino primário e, em sua opinião, o que prevaleceu foi ‘mérito e experiência’. O convite para lecionar no Instituto de Educação partiu do professor Manoel Jairo Bezerra, catedrático de Didática da Matemática e coordenador de um grupo de estudos que agregava diversas professoras em situação similar a de Cássia. Talvez constrangida pela irregularidade da situação, cursou Pedagogia em uma universidade privada, sendo então enquadrada no cargo de ‘professora de ensino médio’, função que lhe conferiu maior legitimidade para continuar a desenvolver suas atividades docentes²⁰.

¹⁹ Depoimento concedido à pesquisa em 26 de setembro de 2012.

²⁰ Ao examinar a ficha funcional de diversos professores em situação semelhante a de

Em seu entender, a irregularidade da situação podia ser explicada pela expansão demasiada das matrículas do curso normal para fazer frente à expansão da rede escolar, sobretudo a partir dos anos de 1960. Sentia-se absolutamente segura no desempenho de suas funções e afirmou não se sentir preterida pelos professores titulados ou catedráticos. “De que vale a teoria sem a prática? [...]”, indagou a docente durante seu depoimento, demonstrando confiança em sua experiência e orgulho por pertencer ao quadro docente de uma renomada instituição de ensino. Acrescentou ainda que sua ida para o Instituto foi autorizada pela Congregação, pois “[...] ninguém entrava naquela instituição sem o aval dos catedráticos que eram membros da Congregação.” Entretanto, ressaltou que sabia de muitos professores que tiveram acesso à instituição por “[...] apadrinhamento político [...]” ou “[...] por conhecerem alguém da Secretaria de Educação”²¹. De fato, Cássia possuía um bom conceito entre os alunos, como atesta a homenagem a ela prestada pela turma de formandos de 1968²².

Perfis identitários

Caracterizar o perfil desses docentes a partir da análise documental esbarrou em diversas dificuldades que se devem à própria inconsistência dos documentos e ao fato de que os depoimentos orais também ocultam, inconscientemente ou não, muitos fatos para os quais buscamos esclarecimentos. Na tentativa de compreender como se forjaram as identidades, as escolhas e as trajetórias profissionais desses docentes, tornou-se necessário recorrer a uma reflexão teórica, a fim de articulá-la aos dados obtidos no campo empírico.

As contribuições de Dubar (2005) foram cruciais nesse processo de análise, na medida em que observamos, à luz de seu pensamento, que a identidade social do indivíduo se constrói na articulação entre dois processos identitários distintos. Em primeiro lugar, aquele que trata da atribuição da identidade, em decorrência da interação das instituições e dos agentes com o indivíduo, ou seja, a identidade produzida no interior

Cássia, observa-se uma anotação em relação ao registro obtido junto ao Ministério da Educação. Em geral, neste item, consta autorização do MEC para lecionar as disciplinas *Economia Doméstica* e *Trabalhos Manuais* presentes no currículo da escola secundária. Dessa forma, legitimava-se a presença de tais professoras em um curso de nível médio, como o curso normal. Arquivo CEMI-ISERJ.

²¹ Professora Cássia Câmara – entrevista à pesquisa em 26 de setembro de 2012.

²² Conforme se observa no Álbum de Formatura da turma de 1968, cedido por uma ex-aluna ao Projeto Memória ISERJ.

dos sistemas onde o indivíduo se insere, denominada pelo autor de ‘identidade social virtual’. O outro processo refere-se à incorporação da identidade pelos próprios indivíduos, a ‘identidade para si’, também denominada ‘identidade social real’. Assim, a(s) identidade(s) resulta(m) da articulação entre o processo biográfico (identidade para si) e relacional (identidade para o outro).

As reflexões trazidas por Dubet (2006) acerca do modo de socialização efetuado por atividades profissionais e/ou instituições que se dedicam ao ‘trabalho sobre o outro’ (dentre as quais se destaca a escola) também nos ajudam a pensar nas relações de poder que estão por trás desse processo de socialização. Tal processo, por sua vez, caracteriza-se pela inculcação de normas coletivas de comportamento, possibilitando a construção de uma identidade profissional.

Nos três casos apresentados, correspondentes a categorias distintas de docentes, percebemos semelhanças e diferenças tanto nos percursos formativos quanto na trajetória profissional, mas à luz do discurso institucional, essas diferenças se apagam. Em comum, o fato de que todos faziam parte do corpo docente de uma tradicional instituição de ensino, além da ênfase no sentimento de pertencimento ao grupo, constantemente avivado nos discursos e nas imagens veiculadas pela instituição.

Exemplo dessa situação se configura no discurso da própria professora Cássia quando declara não sentir constrangimento pelo fato de exercer uma função para a qual não possuía amparo legítimo. Tal atitude (ou discurso) talvez decorresse do orgulho que experimentava por pertencer a uma instituição de ensino renomada. O domínio da prática era seu trunfo. A experiência demonstrada na rede pública que lhe valeu a indicação para ocupar aquele espaço de poder não a fazia sentir-se menos importante que seus colegas titulados; pelo contrário, naquele tipo de curso, a experiência era valorizada por promover a articulação entre as prescrições teóricas e as práticas pedagógicas. Recorre-se aqui à categoria ‘experiência’, conforme entendimento de Thompson (1981, p. 16): “A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres são racionais; e refletem sobre o que acontece a eles e a seu mundo”. Segundo o autor, as normas, regras, expectativas são aprendidas no *habitus* de viver; são aprendidas na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado, a vida social não se sustentaria.

Entretanto, assim que foi possível, Cássia matriculou-se em um curso de Pedagogia, a fim de obter a titulação que lhe faltava. Tal atitude pode ser um indício de seu grau de incômodo pelo fato de se achar, de alguma forma, ‘fora do lugar’.

Talvez o grupo mais coerente e homogêneo (porque mais aderente ao projeto de socialização realizado pelo programa institucional) seja o que denominei ‘prata da casa’, representado pela professora Iva Waisberg. Na condição de ex-alunos, esse grupo acreditava ter amealhado capital cultural suficiente na instituição para iniciar a carreira universitária e, em seguida, retornar ao lugar de origem para compartilhar com as novas gerações o conhecimento adquirido no meio acadêmico. Grande parte desse grupo (Iva Waisberg, Geraldo Sampaio de Souza, Irene de Albuquerque, Josefa Magalhães, Circe Pio Carvalho Borges, Marion Villas Boas Sá Rego, entre outros) qualificou-se a ponto de disputar e ocupar as cátedras das disciplinas pedagógicas.

Em relação ao primeiro grupo – os catedráticos que lecionavam disciplinas de formação geral – a situação é bem mais complexa e contraditória. Oriundos de escolas secundárias de cunho propedêutico, mas muitas vezes, desprovidos de capital econômico e social, curvaram-se às necessidades de obter salário e reconhecimento à custa de seu trabalho, como no caso de Evanildo Bechara, que chegou a acumular diversos empregos em um mesmo espaço de tempo. Entretanto, em razão de sua formação em cursos universitários mais valorizados socialmente e pelos esforços empreendidos em estudos que resultaram em aprovações nos concursos aos quais se submeteram, tornaram-se profissionais bem sucedidos e reconhecidos tanto na instituição quanto nos meios acadêmicos pelos quais circulavam com desenvoltura. Souberam, portanto, capitalizar seus esforços e tirar partido de contatos sociais que lhes facilitaram o acesso a diversas instâncias acadêmicas e/ou político-administrativas, alcançando sucesso na trajetória profissional.

Uma das hipóteses deste estudo é que os professores catedráticos de disciplinas de formação geral, categoria aqui representada por Evanildo Bechara, angariavam maior admiração por parte dos alunos, sendo, por isso, considerados ‘inesquecíveis’. O prestígio desses professores, em detrimento dos docentes responsáveis por disciplinas de teor pedagógico, talvez encontre respaldo na desvalorização do ensino profissional, que possui raízes histórico-sociais bastante conhecidas. Uma das razões dessa herança é a adesão do ensino brasileiro ao modelo educacional francês cuja história é marcada por uma “[...] longa resistência ao ensino técnico e profissional” (DUBET, 2003, p. 32). Nesse sentido, é bastante reveladora a legislação brasileira que, até a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, vedava para concluintes de cursos agrícolas e comerciais e limitava

para egressos do curso industrial e normal a continuação de estudos em nível universitário²³.

Embora o curso normal oferecido pelo Instituto fosse valorizado socialmente na época, o currículo desse curso apresentava um caráter híbrido, com considerável carga de disciplinas de formação geral, especialmente no primeiro ano. Talvez pelo perfil da normalista das décadas de 1950-60 – moças de classe média com expectativas de ingresso no ensino superior – as disciplinas mais prestigiadas fossem as que possibilitassem o êxito nos exames vestibulares, já permitidos aos egressos dos ramos de ensino profissionalizantes.

Na condição de catedráticos e coordenadores de disciplinas e também em função dos vários compromissos acadêmicos (afinal, quase todos acumulavam cargos em escolas de prestígio como o Colégio Pedro II e até mesmo em universidades), talvez esse grupo seja o que menos contato teve com os estudantes. Entretanto, curiosamente, é o mais lembrado pelos ex-alunos, que se sentiam distinguidos quando tinham o ‘privilégio’ de tê-los como professores. São recorrentes os depoimentos de ex-alunos que, relembando sua trajetória discente, afirmam, com indisfarçável orgulho, terem sido alunos de professores do porte de Evanildo Bechara, Vicente Tapajós, Leodegário Azevedo Pena, Dirce Riedel, associando automaticamente a excelência do ensino oferecido pela instituição à qualidade de seu corpo docente, especialmente aos seus catedráticos.

No caso do professor Evanildo Bechara, a consulta a sua ficha funcional nos revela que o tempo de serviço efetivo como catedrático do curso normal foi muito reduzido. Poucos anos depois de sua nomeação no novo cargo, foi cedido à Secretaria de Educação, tornando-se membro do Conselho Estadual de Educação de onde só retornou dez anos depois para ocupar o cargo de diretor-geral do Instituto²⁴.

Curiosamente, nas recentes biografias produzidas sobre Evanildo

²³ No caso dos egressos do curso normal, desde 1945, por meio do Decreto n. 8.195 (BRASIL, 1945), foi permitido o acesso de normalistas aos cursos de Pedagogia, História, Geografia e Letras e, durante a década de 1950, as Leis de Equivalência expandiram esse leque de opções. Entretanto, somente com a LDBEN/1961 houve equiparação de todos os ramos de nível médio para efeito de acesso ao ensino superior (BRASIL, 1961).

²⁴ Na entrevista concedida a esta pesquisa, Evanildo Bechara disse que aceitou o cargo quase por imposição, a fim de sanar a crise que havia se estabelecido na instituição. De fato, permaneceu no cargo por curto espaço de tempo, conforme consta em sua ficha funcional, localizada no arquivo do CEMI/ISERJ.

Bechara, em especial, a publicada no site da Academia Brasileira de Letras (2011) e na última entrevista concedida à imprensa (REVISTA PIAUÍ, 2011), não há qualquer alusão a sua passagem pelo Instituto de Educação. Na opinião do professor, “[...] a instituição decaiu muito [...]”, o que nos leva a concluir que esta tenha sido a razão de a informação ser omitida em seu currículo. De acordo com seu depoimento, “[...] a Lei 5692 [de 1971] provocou uma mudança substancial na educação, em especial nos cursos de formação de professores. O resultado disso é que a escola [o Instituto] se desmoronou e até hoje não se reergueu” (BECHARA, 2011).

Comentários finais

Esta pesquisa, cujos resultados parciais foram aqui relatados, produziu registros de histórias de vida, a partir de entrevistas com ex-alunas da instituição, que manifestaram, de forma recorrente, o orgulho de terem sido alunas de um corpo docente altamente prestigiado. Algumas, mais críticas, referiram-se aos ‘professores catedráticos’ que costumavam transferir a tarefa das aulas para os jovens assistentes ou aos docentes que, mesmo partidários de ‘novas metodologias’, insistiam em abordagens nitidamente tradicionais.

Apesar do apelo nostálgico que impregna o discurso das entrevistadas, foi possível perceber contradições, bem como a utilização de estratégias, na tentativa de sublimar possíveis conflitos. Os periódicos institucionais como os *Arquivos do Instituto de Educação* cuja publicação, ainda que descontínua, registrou a produção intelectual dos professores nas décadas de 1930, 40 e 50 (o último número data de 1960)²⁵, bem como os *Anuários* publicados por iniciativa de alguns diretores na década de 1960 (ESTADO DA GUANABARA, 1968) transmitem aos leitores a impressão de uma escola coesa, unificada, isenta de dissensões e conflitos.

Um verdadeiro espírito de grupo manifesta-se nos discursos veiculados nessas publicações, que rememoram, com orgulho, a competência profissional de seus docentes, publicam e republicam os nomes dos membros da Congregação, incluindo mesmo os jubilados ou falecidos. A alusão ao elenco de diretores, desde a Escola Normal da Corte – a iniciar-se por Benjamin Constant – constitui-se em uma

²⁵ *Arquivos do Instituto de Educação*, revista com periodicidade anual. Encontramos exemplares de 1934, 1936, 1937, 1945, 1949, 1950, 1956 e 1960. Arquivo CEMI/ISERJ.

característica dessas revistas. Ainda hoje, no Salão Nobre da instituição, esses personagens encontram-se homenageados por meio de expressivas fotografias. *Tradições inventadas* (HOBSBAWM; RANGER, 1984) ou *Lugares de memória* (NORA, 1993), a continuidade de certas práticas, bem como a sacralização desse espaço físico e simbólico, pleno de significados, cumpre sua função, numa tentativa insistente de lembrar a todos – alunos, professores, funcionários, visitantes – o prestígio daquela instituição, o qual se assentava no valor e no prestígio de seu corpo docente.

Por meio deste estudo, foi possível perceber que, para além da titulação que estabelecia diferenças de nível e da relação direta que se estabelece entre qualificação e salários, o prestígio conferido a alguns docentes vinculava-se: a) ‘às disciplinas ministradas’; b) às ‘instâncias por onde esses professores circulavam’ – meios universitários, instituições de caráter acadêmico, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), ou profissional, como a Associação Brasileira de Educação (ABE), ou político-administrativo como as Secretarias ou Conselhos de Educação; c) à grande repercussão obtida pela ‘circulação dos livros didáticos’ por eles produzidos.

Conclui-se que, apesar das semelhanças que os uniam como profissionais identificados com a instituição onde trabalhavam e o apelo à ‘vocação’ como justificativa maior na escolha da carreira abraçada, foi possível perceber especificidades, no tocante à formação, no acesso à carreira e nos itinerários profissionais, características que apontam para um processo de hierarquização desse corpo docente.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <www.abl.org.br>. Acesso em: 11 out. 2011.

ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO. 1934, 1936, 1937, 1945, 1949, 1950, 1956 e 1960.

BECHARA, E. Entrevista concedida em 16 de novembro de 2011.

BONOW, I. W. Saudação a Fernando de Azevedo. *Arquivos do Instituto de Educação*, v. II, n. 1, p. 90-94, 1945.

BONOW, I. W. Anísio Teixeira e o Instituto de Educação: missionário e mártir da educação democrática no Brasil. In: MONARCHA, C. (Org.). *Anísio Teixeira: a obra de uma vida*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Decreto Lei n. 8.195*, de 20 de novembro de 1945.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Lei nº 4.024*, de 20 de Dezembro de 1961.

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: o ensino e a pesquisa em História da Educação, 5., 2008, Aracaju. *Anais...* Aracaju: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2008a.

CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINOAMERICANA: contactos, cruces y luchas em la historia de la educación latino-americana, 8., 2007, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: Sociedad Argentina de la Historia de la educación, 2007.

CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: Cultura Escolar, Migrações e Cidadania, 7., 2008, Porto. *Anais...* Porto: Sociedade Portuguesa de História da Educação / Sociedade Brasileira de História da Educação, 2008b.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBET, F. A escola e a exclusão. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 119, p. 29-46, jul. 2003.

DUBET, F. *El declive de la institución*. Profesiones, sujetos e individuos ante la reforma del Estado. Traducción Luciano Padilla. Barcelona: Gedisa, 2006.

ESTADO DA GUANABARA. *Instituto de Educação*. Anuário 1968. Secretaria de Educação e Cultura. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1968.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 167-182.

LOPES, S. C. *Oficina de mestres: história, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939)*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2006a.

LOPES, S. C. Entre história e memória: os anos dourados da formação de professores no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (anos 1950). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. *Anais...* Goiânia: SBHE. p. 1- 12. 1 CD-ROM.

LORIGA, S. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOZANO, J. E. Práticas e estilos de pesquisa na história oral. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 15-26.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONARCHA, C. (Org.). *Anísio Teixeira: a obra de uma vida*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

REVISTA PIAUÍ. *Senhor Norma Culta*. n. 57, p. 48-52, jun. 2011.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VILLAS BOAS, M. V.; SARAHYBA, M.; LIMA, A. R. *Resgate da memória do Instituto de Educação/RJ (1930-1970)*. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Permanente, Faculdade de Educação, UERJ, 1994. (mimeo).

Endereço para correspondência
Sonia de Castro Lopes
Rua Professor Brandão Filho, 111
Apartamento 201
Leblon
Rio de Janeiro
CEP 22450-180
E-mail: sm.lopes@globo.com

Recebido em: 4 fev. 2013
Aprovado: 8 abr. 2013

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.